

MONTEIRO LOBATO

ZE' BRASIL



ED. VITÓRIA Lda

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MONTEIRO LOBATO

ZÉ BRASIL

Ilustrado por
PERCY DEANE

—:—

1948

EDITORIAL VITÓRIA

Rua do Carmo, 6 - Sala 1306

Rio de Janeiro



1

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, dêsses de chão batido e sem mobília nenhuma — só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cúias... Nem cama tinha. Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tabua. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de sela, o rabo de tatú, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas — para ver as luas e se vai chover ou não, e aquele livrinho do Fontoura com a história do Jéca Tatú.

— Coitado dêste Jéca! dizia Zé Brasil olhando para aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que êle tinha, eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Jolí?...



A vida de Zé Brasil era a mais simples. Levantar de madrugada, tomar um cafézinho ralo («escolha» com rapadura) com farinha de milho (quando tinha) e ir para a roça pegar no cabo da enxada. O almôgo êle o comia lá mesmo, levado pela mulher; arroz com feijão e farinha de mandioca, às vezes um torresmo ou um pedacinho de carne seca para enfeitar. Depois, cabo da enxada outra vez, até a hora do café do meio-dia. E novamente a enxada, quando não a foice ou o machado. A luta com a terra sempre foi brava. O mato não para nunca de crescer, e é preciso ir derrubando as capoeiras e capoeirões porque não há o que se estrague tão depressa como as terras de plantação.

Na frente da casa, o terreirinho, o mastro de Santo Antônio. Nos fundos, o chiqueirinho com um capadete engordando a árvore onde dormem as galinhas, e a «horta» — umas latas velhas num jirauzinho, com um pé de cebola, outro de arruda e

mais remédios — hortelã, cidreira, etc. No jirau, por causa da formiga.

— Ah, estas formigas me matam! dizia o Zé com cara de desânimo. Comem tudo que a gente planta.

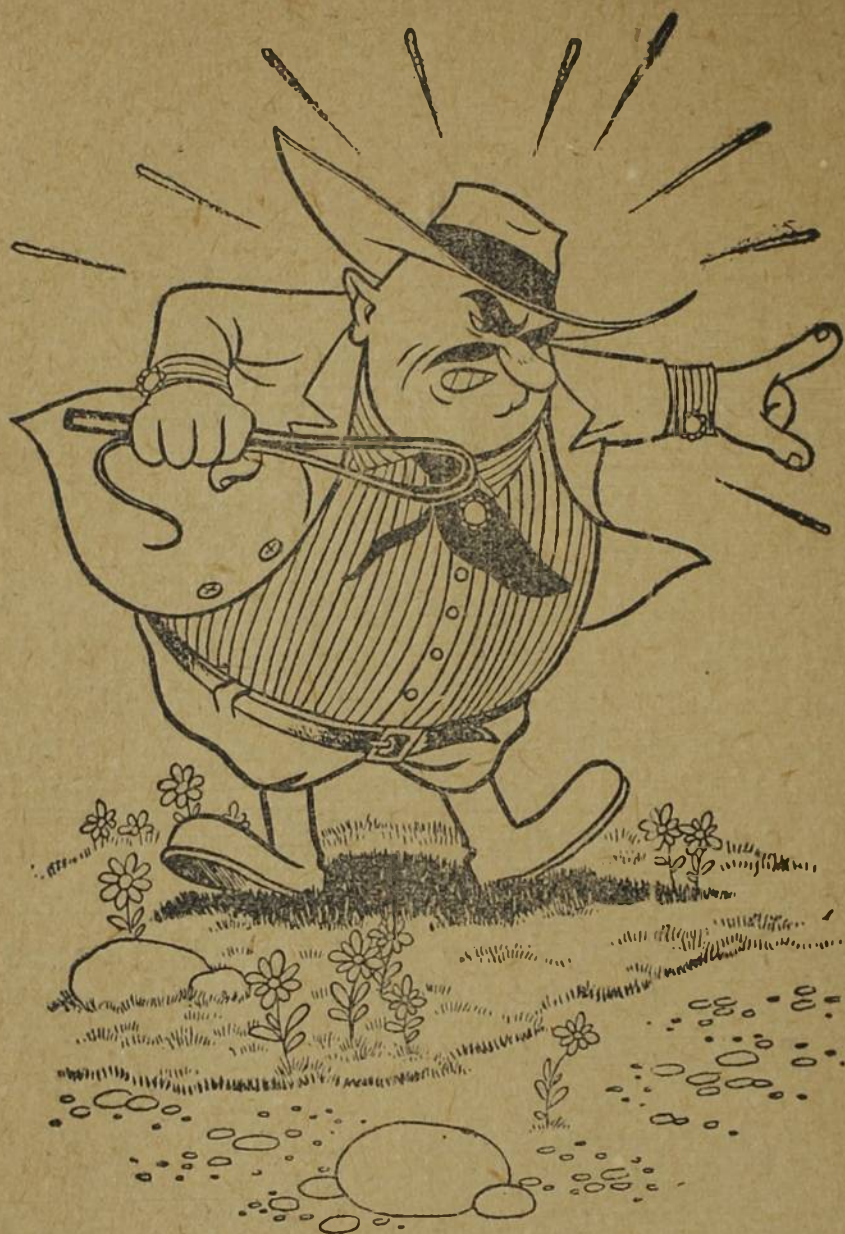
E se alguém da cidade, dêsesse que não entendem de nada desta vida, vinha com histórias de «matar formiga», Zé dizia: «Matar formiga!... Elas é que matam a gente. Isso de matar formiga só para os ricos, e muito ricos. A formicida está pela hora da morte — e cada vez pior, mais falsificada. E que me adianta matar um formigueiro aqui neste sítio, se há tantos formigueiros nos vizinhos? Formiga vem de longe. Já vi um olheiro que ia sair a um quilômetro de distância. Suponha que eu vendo a alma, compro uma lata de formicida e mato aquele formigueiro ali do pastinho. Que adianta? As formigas do Chico Vira, que é o meu vizinho dêste lado, vêm alegrinhas visitar as minhas plantas».

* *
*

A gente da cidade — como são cegas as gentes das cidades!... Êsses doutores, êsses escrevedores nos jornais, êsses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem — opilação, sezões, quanta verminose há, malária. E cadê doutor? Cadê remédio? Cadê jeito? O jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo, até não aguentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira — e feliz se houver por ali alguma rede em que o corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó.

— Mas você morre, Zé e sua alma vai para o céu, disse um dia o padre — e Zé duvidou.

— Está aí uma coisa que só vendo! Minha idéia é que nem deixam minha alma entrar no céu. Tocam ela de lá, como aqui



na vida o coronel Tatuira já me tocou das
terras dele.

— Por que, Zé?

— **E**u era «agregado» na fazenda do Taquaral. O coronel me deu lá uma grota, fiz minha casinha, derrubei mato, plantei milho e feijão.

— De meias?

— Sim. Metade para o coronel, metade para mim.

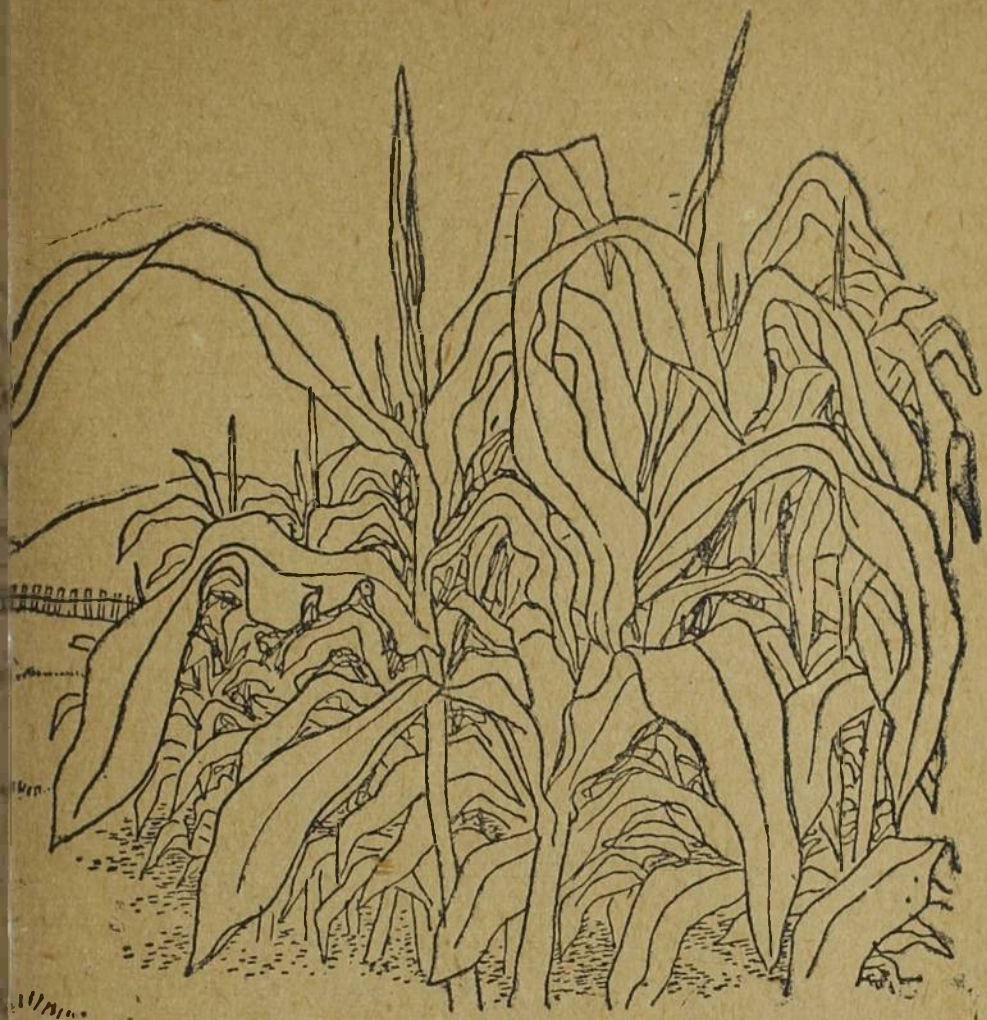
— Mas isso dá, Zé?

— Dá para a gente ir morrendo de fome pelo caminho da vida — a gente que trabalha e planta. Para o dono da terra é o melhor negócio do mundo. Ele não faz nada, de nada, de nada. Não fornece nem uma foice, nem um vidrinho de quina para a sezão — mas leva metade da colheita, e metade bem medida — uma metade gorda; a metade que fica com a gente é magra, minguada... E a gente tem de viver com aquilo um ano inteiro, até que chegue tempo de outra colheita.

— Mas como foi o negócio da fazenda do Taquaral?



— Eu era «agregado» lá e ia labutando na grotta. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo — e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me «tocou» de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para êle e



naquela casinha que eu havia feito, botou o Tótó Urumbeva.

— Mas não há uma lei que...

Zé Brasil deu uma risada. «Lei... Isso é coisa para os ricos. Para os pobres, a lei é a cadeia e se resingar um pouquinho é o chanfallo».

— **E** se você fôsse dono das terras, aí dum sítio de dez ou vinte alqueires?

— Ah, aí tudo mudava. Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvores de fruta, e uma horta, e até um jardinzinho como o do Giusepe. Mas como fazer casa boa, e plantar árvores, e ter horta em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Vi isso com o coronel Tatuira. Só porque naquele ano as minhas roças estavam uma beleza, êle não resistiu à ambição e me tocou. E que mundo de terras êsse homem tem! A fazenda do Taquaral foi medida. Os engenheiros acharam mais de dois mil alqueires — e êle ainda é dono de mais duas fazendas bem grandes, lá no Oeste. E não vende nem um palmo de terra. Herdou do pai, que já havia herdado do avô. E o gôsto do coronel é dizer que vai deixar para o Tatuirinha uma fazenda maior ainda — e anda em negócios com o Mané Labrego para a compra daquele sítio da Grota Funda.

— Então não vende nem dá as terras
— só arrenda?

— Isso. Também não planta nada. O que êle quer lá é rendeiro como eu fui, e são hoje mais de cem as famílias que vivem no Taquaral. Dêsse jeito, o lucro do coronel é certo. Se vem chuva de pedra, se vem geada ou ventania, êle nunca perde nada; quem perde são os rendeiros.



— **M**as, Zé, se essas terras do Taquaral fôsem divididas por essas cento e tantas famílias que já vivem lá, não acha que ficava muito melhor?

— Melhor para quem? Para o coronel?

— Não. Para o mundo em geral, para todos.

— Pois está claro que sim. Em vez de haver só um rico, que é o coronel Tatuira, haveria mais de cem arranjados, todos vivendo na maior abundância, donos de tudo quanto produzissem, não só da metade. E o melhor de tudo seria a segurança, a certeza de que ninguém dali não saía por vontade dos outros, tocado como um cachorro, como eu fui. Ah, que grande felicidade! Mas quem pensa nisso no mundo? Quem se incomoda com o pobre Zé Brasil? Êle que morra de doenças, êle que seja roubado, e metido na cadeia se abre a boca para se



queixar. O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre. Ninguém no mundo pensa nele, olha para êle, cuida de melhorar a sorte dele...



— Não é assim, Zé. Apareceu um homem que pensa em você, que por causa de você já foi condenado pela lei dêsses ricos que mandam em tudo — e passou nove anos num cárcere.

— Quem é êsse homem?

— Luiz Carlos Prestes...

— Já ouvi falar. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo, acabar com tudo...

— Quer acabar com a injustiça do mundo. Quer que em vez de um Tatuira, dono de milhares de alqueires de terra e vivendo à custa dos que trabalham, homem prepotente que faz o que fez a você...

— Que toca a gente...

— Que toca, que manda prender e meter o chanfallo em quem resmunga, haja centenas de donos de sítios dentro de cada fazenda, vivendo sem medo de nada, na maior abundância e segurança.

— Que beleza se fôsse assim!

— E por que não há de ser assim?

Basta que vocês queiram. Se todos os que sofrem essa injustiça da falta de terras próprias num país tão grande como êste, se reunirem em redor de Prestes, a situação acabará mudando completamente. O Brasil tem 5 habitantes para cada quilômetro quadrado...

— Quanto é isso em alqueires?

— Um quilômetro quadrado é um pouco mais de 40 alqueires. Ora, havendo cinco habitantes para cada quilômetro quadrado, cada habitante pode ter um sítio de oito alqueires, homem, mulher ou criança. Quer dizer que terra é o que não falta. Falta uma boa distribuição das terras, de modo que se acabe com isto de uns terem tudo e a grande maioria não ter nada.





8

— **P**ois é o que Prestes quer. O sonho dele é fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sítio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas árvores, melhorando as benfeitorias. E todos vivendo sossegados, sem receio de que um Tatuira os toque e fique com tudo.

E só isso o que Prestes e seus companheiros querem.

— Mas por que então êsse homem é tão guerreado?

— Justamente por isso. Quem é que o guerreia? Os que trabalham na roça, como você? Os que sofrem a injustiça do mundo, como você? Os que nas cidades ganham a vida nos ofícios ou como operários de fábricas? Os que produzem tudo quanto existe no mundo? Não. Os que combatem Prestes e as idéias de Prestes não são os que trabalham e sim os que vivem à custa do trabalho dos outros.

— Como aqui o coronel Tatuira...

— Exatamente. São os Tatuiras que tomaram conta do mundo e como para êles está tudo mito bem, não querem mudança nenhuma.

— Para êles está bom mesmo! Não precisam trabalhar e são donos de tudo, das terras, das casas, das fábricas...

— ... e do produto do trabalho dos outros. O mal está aí, Zé. No dia em que quem trabalha ficar dono do produto do seu trabalho, tudo entrará nos eixos e todos serão felizes. Mas isso de cem trabalharem para um só ficar com tudo, isso não está certo e tem de acabar.

— Pois no Taquaral' é assim. Cem famílias trabalham, naquelas terras, como negros de eito, para que o coronel viva no macio, sempre lá pelas capitais, arrotando presunto. Do que essas famílias produzem, a parte que a elas cabe mal dá para não morrerem de fome e não andarem totalmente nuas. Se o Prestes quer mudar isso, êsse homem merece a nossa aprovação.



— Se êle tiver o apôio de vocês todos, quem poderá com êle? Vocês são a maioria. Vocês são os milhões; os Tatuiras não passam de centenas. Se sendo tão poucos os Tatuiras dominam e exploram a vocês que são milhões, isso vem duma coisa só: falta de conhecimento por parte de vocês. E' que vocês **não sabem!** E o remédio é um só: procurar saber. No dia em que todos souberem como as coisas são, ah, nesse dia tudo começa a mudar, e em vez da felicidade ficar só com as centenas, passará a ser também dos milhões.

— Mas como a gente há de saber, se cada um diz uma coisa? Jornal eu não leio, mas o Chico Vira lê e outro dia me disse que os jornais andam falando horrores do comunismo.

— Os jornais deles, está claro que dizem horrores. Mas os jornais comunistas, ou do Prestes, êsses dizem as coisas de modo diferente. Em que vocês devem acreditar?



No que dizem os Tatuiras e os jornais dos Tatuiras, ou no que dizem os homens que querem o bem de vocês, a felicidade de vocês, a segurança de vocês? Os homens que padecem por vocês, como êsse Prestes que já passou nove anos no cárcere, incomunicável, só porque em vez de se decidir pela felicidade dos Tatuiras, se decidiu pela felicidade de Zé Brasil?

— Eu estava me parecendo que era assim, mas não tinha a certeza. Agora estou compreendendo muito bem como é a coisa.

Estou vendo que o nosso homem é êsse Prestes. E que quem é contra Prestes e seus companheiros, só prova uma coisa: que não quer mudança nenhuma no mundo. Que quer que tudo fique como está.

— E acha justo isso, Zé? Acha justo que tudo fique como está, isto é, uns tendo tudo e a imensa maioria não tendo nada, de nada, de nada?

— Se eu achasse justo isso, eu tinha de dar razão ao coronel Tatuira quando me tocou da grota e se apossou da casa que



eu ergui com tanto trabalho e das roças que plantei e estavam tão bonitas. Ora, como é que eu poderei concordar com uma injustiça destas?

Prestes! Prestes!... Por isso é que há tanta gente que morre por êle. Estou compreendendo agora. E' o único homem que quer o nosso bem. O resto, eh, eh, eh! é tudo mais ou menos coronel Tatuira...

*
* *



CANTO ANÔNIMO A
LUIZ CARLOS PRESTES



Para o povo não existe
homem de mais confiança
do que Luiz Carlos Prestes.
Cavaleiro da Esperança.

Cavaleiro da Esperança!
Quem chamou? De onde nasceu?
Êsse título glorioso
como foi que apareceu?

Foi no tempo da Coluna
andando pelo sertão.
Prestes contra os tiranos
despertou tôda a nação!

Cavaleiro da Esperança!
Foi um feito triunfal.
Pois a marcha da Coluna
foi no mundo sem igual.

Ele viu tanta miséria,
tanto horror pelo sertão,
injustiça, fome, doença,
tanta e tanta exploração!

Viu de perto seus irmãos
sem terra nem liberdade,
de enxada, de sol a sol,
como escravos na verdade.

E compreendeu qual a causa
dêste atrazo nacional,
mostrando ao povo o remédio
que pode cortar o mal.

Então a luta cresceu
E Prestes ficou maior.
General dos oprimidos,
exemplo de lutador!

Porque ficou com o Brasil,
porque falou a verdade,
e deseja para o povo
mais pão e felicidade.

Os inimigos do povo,
cheios de ódio feroz
infames, tudo fizeram
p'ra arrancar Prestes de nós.

Exílio, torturas, cárcere,
negros anos de prisão,
a esposa sacrificada
pelo tirano alemão.

A velha mãe, mãe heróica,
longe dele se finou.
A filhinha no destêrro...
Tudo Prestes suportou.

Seu rosto sangrou um dia
diante de seus algozes.
E viu os seus companheiros
sob martírios atrozes.

Tudo padeceu, mas nada
abalou seu heroísmo.
Nada temeu, afinal,
porque seu patriotismo

vem do povo confiante,
e sabe que a tirania
por mais terrível que seja
se liquida qualquer dia.

E êsse dia está próximo.
Haverá dúvida em alguém?
Pois o futuro é do povo,
do povo e de mais ninguém!

Ontem, Prestes na Coluna.
Depois, na amarga prisão.
Hoje, Senador do Povo,
falando a tôda a nação.

Seu mandato é de milhões
que ninguém arrancará.
Saibamos, sim, defendê-lo
que ninguém nos tirará.

Senador dos camponeses,
Senador dos despojados,
Senador dos operários,
Senador dos explorados

Frestes é a mesma coisa
que dizer: povo. E' a verdade
O seu mandato é sagrado
Mandato da liberdade!

E agora no aniversário
de Prestes, a confiança
aumenta dentro do povo

Viva a paz e a liberdade.
Viva Luiz Carlos Prestes,
Cavaleiro da Esperança!

— «Através da luta pelas reivindicações mais sentidas será possível unir em organismos os mais diversos — clubes, associações ou ligas camponesas — as grandes massas de trabalhadores rurais, desde os sitiantes e pequenos proprietários, mais ou menos abastados, ou arrendatários capitalistas, mais ou menos independentes, até aquela maioria, a mais miserável, explorada e oprimida de toda a população do país, constituída pelos agregados, colonos, moradores, meeiros, posseiros, vaqueiros, peões de estâncias e trabalhadores de eito».

LUIZ CARLOS PRESTES

(Organizar o povo para a Democracia — Discurso pronunciado no Pacaembú — S. Paulo).

Preço — Cr\$ 1,00

